



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

ENTRE CANTOS E DESENCANTOS: A URBE DA VIRTUDE E DO VÍCIO AOS OLHOS DA PROSTITUTA MAGGIE, UMA GAROTA DAS RUAS

Between corners and disenchantments: the city of virtue and vice in the eyes of the prostitute Maggie, a girl of the streets

Saide Feitosa da Silva¹
Valtenir Soares de Abreu²

RESUMO

A Linguística Aplicada, ao permitir múltiplas análises da realidade social por parte do/a pesquisador/a, também contribui para a desconstrução de ideias historicamente legitimadas. Por meio do diálogo com vários campos epistemológicos, o/a linguista aplicado/a dispõe de um vasto terreno, com inúmeras possibilidades de conhecer, desconstruir e construir realidades, posicionando o ser humano em contextos que irão formando sua identidade cultural. É o que fazemos neste artigo, no qual, através da obra “Maggie – A girl of streets” (1896), de Stephen Crane, procuramos analisar os vários cenários contidos no que se convencionou chamar *modernidade*, um processo dúbio – para dizer pouco – que privilegia uns poucos e condena muitos a uma vida de sofrimentos, desigualdades e violências. Para subsidiar as discussões, nos apoiaremos, principalmente, em teóricos como Marshall Berman (1986), Volóchinov ([1929] 2017), Guinsburg & Faria (2017), além de outros e outras que dialogam com a temática proposta.

Palavras-Chave: Modernidade; Cultura; Desigualdade social

ABSTRACT

Applied Linguistics, by allowing multiple analyzes of social reality by the researcher, also contributes to the deconstruction of historically legitimized ideas. Through dialogue with various epistemological fields, the applied linguist has a vast terrain, with countless possibilities to know, deconstruct and build realities, positioning human beings in contexts that will form their cultural identity. This is what we do in this article, in which, through the work “Maggie – A girl of streets” (1896), by Stephen Crane, we seek to analyze the various scenarios contained in what is conventionally called modernity, a dubious process – to say the least – that privileges a few and condemns many to a life of suffering, inequality and violence. To support the discussions, we will rely mainly on theorists such as Marshall Berman (1986), Voloshinov ([1929] 2017), Guinsburg & Faria (2017), as well as others who dialogue with the proposed theme.

Keywords: Modernity; Culture; Social inequalities.

¹ Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Docente do Curso de Letras Inglês e suas respectivas Literaturas na Universidade Federal do Acre; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5479-553X>; E-mail: saidefsilva@gmail.com

² Doutor em Linguística Aplicada pela UFRJ (2022); Mestre em Letras pela UFRR (2016); Graduado em Pedagogia pela UERR (2007). Técnico em Assuntos Educacionais na UFRR. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0670-0932>; E-mail: valtenir_abreu@outlook.com

1. Introdução

“É início do outono, há uma nuvem no horizonte de Nova York. Inocência, arrastada por uma linha amarela. Estas são as mãos que construíram a América”³ - U2

Inteirar-se dos meandros sociais dentro da ótica modernista de configuração citadina pelas quais passaram as grandes urbes no final do século XIX, como foi o caso de Nova Iorque, pelas retinas vacilantes dos personagens do escritor naturalista Stephen Crane, é fazer uma leitura de uma das cidades mais expressivas da história das sociedades, sobretudo dos pontos de vista econômico, cultural e social. Através do texto *Maggie – a girl of the streets*, vislumbramos possíveis cenários estruturantes de Nova Iorque na última década do século XIX, mais precisamente o ano de 1893, quando Crane escreveu sua obra. Em nossa análise, podemos perceber o panorama organizacional urbanístico daquele centro, que embora gozasse de desenvolvimento e avanços em vários setores, não escondia suas mazelas sociais, causadas por um capitalismo excludente e opressor.

Dentro deste cenário moderno de progresso, o propósito deste estudo é fazer uma análise descritiva das características de “duas cidades” construídas no livro que inaugura o naturalismo estadunidense. (PIZER, 1984).

Na obra, em que o autor apresenta uma urbe dividida em dois mundos – a real e a simbólica –, chegamos a possíveis intelecções de como se estruturava uma certa Nova Iorque do final do século XIX, através da personagem prostituta Maggie, que transita por dois lugares bem distintos: a cidade idealizada como moderna, um local iluminado, do glamour e diversão; e pela urbe concreta e dura: ambiente fétido e obscuro dos guetos americanos, onde ela morava.

Cabe-nos ressaltar que a narrativa de Crane é uma construção metafórica, elaborada a partir de sua vivência como flâneur pelas ruas da Big Apple. O autor conheceu as realidades da cidade, ao circular por diferentes lugares de Nova Iorque em plena efervescência cultural, econômica e social de início do século XX (BENJAMIN, 1994). Nesse contexto, o escritor experienciou de fato ambientes distintos daquela cidade, envolvendo-se com meretrizes, boêmios e todo o tipo de gente que frequentava os cantos mais agitados como bares, bordeis, teatros, casas de shows etc. Toda essa vivência lhe oportunizou inspirações para a “criação” de uma nova Iorque, dividida em dois espaços distintos.

Dentro desse cenário, por meio da narrativa de Crane, são apresentadas ao leitor, duas perspectivas antagônicas de uma cidade moderna: enquanto muitos degeneravam-se nos ambientes insalubres da cidade factual, como era o caso dos guetos da rua Bowery e adjacências onde os pobres empilhavam-se na luta pela

³ “It’s early fall, there’s a cloud on the New York skyline. Innocence, dragged across a yellow line. These are the hands that built America” - U2.

sobrevivência; outros, se acotovelavam, disputando ambientes festivos, gastando seus fartos dólares em diversão na urbe moderna do glamour e alegria, a cidade ideal, representação da modernidade.

No tocante à modernidade, assunto caro ao nosso trabalho, Marshall Berman (1986) afirma ser ela a resultante de uma série de mudanças pela qual passou a humanidade ao longo de mais de quinhentos anos. Segundo o autor, “as grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele”; passando pela “industrialização de produção, destruição e construção de novos ambientes humanos”; em um contexto de “conflitos de classe e movimentação intensa de populações” para outros lugares em busca de melhores condições de vida, e principalmente, pela “intensa urbanização das cidades”, inserida dentro de “um mercado capitalista mundial”, formam a conjuntura modernista das urbes do final do século XIX (BERMAN, 1986, p. 16), dentre as quais destacamos Nova Iorque, ambiente por onde Crane fazia suas andanças para depois erigir suas duas cidades.

Nesse pressuposto, todos esses acontecimentos ocorridos sob a ótica modernista de ver e ensejar o mundo, desencadearam expressivas transformações no comportamento do homem moderno, compelido a transitar por realidades conflitantes: ora um ambiente de promessas e oportunidades, onde ele podia encontrar liberdade e realizações, ora um lugar de escravidão e desilusões. Essa experiência nova de tempo e espaço, Berman chama de modernidade. Ser moderno para o autor é

encontrar -se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’ (BERMAN, 1986, p. 24).

Nessa perspectiva, os imaginários desse sujeito moderno em relação à cidade podem produzir espaços de referência, enquanto uma poética do urbano. Assim, pretendemos trabalhar a materialização das duas urbes de Crane representada ficcionalmente por meio dos seus discursos, como nos sugere Orlandi (2004) em seu livro *Cidade dos sentidos*.

A partir da concepção da referida autora, a perspectiva da análise do discurso em questão nos filia ao campo de investigação que coloca em foco a materialidade histórica e ideológica que constituem os textos sobre a cidade, lançando-se luz sobre os mecanismos que sustentam e permitem seu funcionamento (ORLANDI, 2004). Dessa forma, a análise do discurso nos permite deslocar esse olhar, pois, nesse campo epistemológico, nosso instrumento não é a máquina fotográfica, mas a linguagem, transparecendo os flagrantes urbanos “em sua poética, por assim dizer, incluídas na própria forma material da cidade” (ORLANDI, 2004, p. 31).

É importante acentuar que, para compreender como significar esse sujeito urbano, materializado através da/na narratividade cidadina, devemos considerar a cidade em observação, como espaço constituído de língua, história, ideologia e memória, fatores indispensáveis na constituição do discurso sobre as urbes modernas.

Com relação ao discurso, conceito importante em se tratando de análise enunciativa, nos concentramos no que preconiza Volóchinov em relação ao signo, linguagem e ideologia. Apoiados, então, na ideia deste teórico sobre o discurso, podemos afirmar que o fenômeno ideológico se materializa através da linguagem na interação entre indivíduos socialmente organizados. Sobre essa questão, o autor afirma que “a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (VOLÓCHINOV, 1929-2017, p. 32).

Nesse sentido, no que se refere à obra em tela, é possível inferir que a concepção de antagonismo existente entre as duas cidades mencionadas, somente pode ser feita a partir da comparação entre as experiências vivenciadas pela personagem Maggie em ambos os contextos, e as ruas ganham uma perspectiva semiótica.

Para o filósofo russo, “a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia; a ideologia é uma superestrutura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula. A palavra serve como ‘indicador’ das mudanças sociais” (VOLÓCHINOV, 1929-2017, p. 18). Nesse sentido, a ideologia deve ser tratada em sua materialidade, nos atos concretos de linguagem, nas “lutas de classe” dentro de suas interações sociais, como explicita Volóchinov. Segundo o teórico, “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (VOLÓCHINOV, 1929-2017, p. 29). Assim, analisar os contextos de fala das personagens através do eu ficcional na obra em tela, na concepção de Volóchinov, é entender as ideologias que compõem os discursos conflitantes daquela sociedade do final do século XIX no ambiente das duas cidades construídas por Crane.

Dessa forma, nosso trabalho visa entender como, na narrativa, o espaço citadino é encenado e como os discursos sobre o urbano se articulam a partir da personagem prostituta Maggie. No sentido de destacar as duas cidades, buscamos compreender como a cidade real e a simbólica são denotadas pelos deslocamentos dos personagens em transe pelas ruas de Nova Iorque.

2. *Civitas*, ícones da modernidade

Embora o termo modernidade não seja de fácil definição, por vezes questionado pelo fato de não ocorrer e tampouco contemplar simultaneamente todos os lugares, ele assumiu diferentes entendimentos e

está diretamente relacionado ao tempo e espaço (HABERMAS, 2000). Para justificar essa afirmação, este autor destaca que o início da modernidade está marcado por três eventos históricos ocorridos na Europa, cujos efeitos se propagaram pelo mundo: a Reforma Protestante, o Iluminismo e a Revolução Francesa. Nesse sentido, a modernidade se situa no tempo, pois abrange, historicamente, as transformações ocorridas nos séculos 18, 19 e 20, no Ocidente, e também no espaço, tendo por berço primário a Europa, e posteriormente os demais continentes.

De forma genérica, podemos dizer que a modernidade é um discurso, cunhado no caldeirão de efervescência científica, geralmente em benefício dos países mais desenvolvidos ou às classes mais abastadas. Nesse prisma, enquanto discurso é o reflexo dos novos tempos aos quais estão atrelados os desdobramentos de ocorrências modernas, como aponta Rodrigues *et al* (2000), a modernidade é geralmente entendida como algo contemporâneo, aquilo que acontece aqui e agora, ou uma forma de experimentar tudo o que é novo.

De acordo com Berman (1986), foi o período que o discurso moderno desponta como elemento de grande influência no contexto social, pois o pensamento racionalista, produto do Iluminismo colocou em xeque a estrutura social vigente até aquele momento, e os pilares construídos sob uma ótica tradicional, teológica e absolutista começam a ruir.

Considerando esses argumentos, nota-se que a modernidade não é um produto acabado, sobretudo quando pensamos que motivado por um discurso de progresso, as sociedades estão em constantes movimentos e transformações. É nesse cenário que a cidade se firma como um dos principais símbolos da modernidade (NASCIMENTO, 2011).

Convém destacar que, nos fins do século XIX e início do século XX, a cidade desponta como cenário privilegiado para a encenação do progresso latente, com a industrialização e a modernização urbanística. Todos esses fatores influenciaram nos modos de vida, nos usos e costumes, tendo em vista o urbano povoar o imaginário social, como podemos perceber nas palavras de Berman:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades. (BERMAN, 1986, p. 16).

Em meio a toda essa efervescência, as cidades, de modo geral, passaram por grandes mudanças em seus aspectos físicos, estrutural e social. Ademais, desde então elas vislumbraram um processo contínuo de modernização, com o suporte da ciência e da tecnologia cada vez mais presente, impondo às sociedades

mudanças sem voltas, tanto positivas quanto negativas, pois como escreveu Berman, valendo-se da célebre frase de Karl Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar” (BERMAN, 1986, p.37).

Dentro desse processo de modernização, apontamos os Estados Unidos como a nação que mais se consolida como moderna. Nesse contexto, destacamos a cidade de Nova Iorque, objeto de estudo neste trabalho. Reforçando essa afirmação, Guinsburg & Faria (2017) fazem algumas ponderações sobre a estrutura da cidade, corroborando a leitura de que a urbe nova-iorquina é por excelência um símbolo da modernidade se comparada com outros lugares do mundo.

Estes eventos tornaram os Estados Unidos e suas maiores cidades, dentre as quais destacamos Nova Iorque, um espaço de promessas e realizações, configurando-se em um objeto de desejo para muitos estrangeiros que tentavam a todo custo adentrar aquela metrópole na busca da realização do chamado sonho americano. Contudo, a maioria terminava sucumbindo a força da cidade real, e esse ambiente em *a priori* promissor tornava-se um lugar degenerador e um pesadelo para a maioria daquele contingente de vencidos por um capitalismo impiedoso e implacável, levando-os a viver em condições deploráveis nos guetos de Nova Iorque, isto é, a cidade de concreto erguida por Crane em contraposição à cidade ideal, ambiente de deleite de uns poucos privilegiados. São estas duas cidades que iremos analisar em nosso estudo.

3. Stephen Crane, uma ode à ficção urbana

No final do século XIX, período concernente ao surgimento simultâneo dos movimentos literários realismo e naturalismo na Europa, especificamente na França, surge nos Estados Unidos o trabalho de Stephen Crane com a publicação da obra *Maggie: a girl of the streets*, dentro dos padrões característicos naturalistas, em uma época bastante conturbada, uma vez que os Estados Unidos haviam passado por uma guerra civil que causou fortes transformações sócio-políticas.

Dentre estas, podemos destacar o aumento populacional exorbitante e o crescimento das principais cidades industriais, como é o caso de Nova Iorque. Essas mudanças também geraram um aquecimento econômico acelerado, mas, em contrapartida, surgiram os problemas sociais, como o agigantamento de bairros periféricos, prostituição, miséria, fome, vícios e violência.

Todas essas adversidades foram provocadas pela falta de condições mínimas de vida nos ambientes degenerativos nos quais imergiam aventureiros recém-chegados, cenário retratado na obra de Crane em análise. Uma das características salientes do movimento naturalista, que contempla o texto de Crane, são as personagens patológicas, mórbidas, desequilibradas e doentias, representadas pelos moradores dos *tenements*, os cortiços da região suburbana da cidade de Nova Iorque, notadamente na rua Bowery, onde se aglomeravam essas pessoas consideradas marginais e vilões, vítimas de um espaço impiedoso.

Por serem ambientes bastante disputados pelos recém-chegados, a violência imperava pela disputa de espaços, onde uma massa humana composta por diferentes etnias e costumes se empilhavam, configurando

o nascimento de um ambiente e de um discurso permeados pelo enfrentamento entre diferentes povos, o que é confirmado por Foucault ao se referir à guerra das raças: “O discurso histórico não vai ser mais o discurso da soberania, nem sequer de raças, mas o discurso das raças, do enfrentamento das nações e das leis” (FOUCAULT, 2000, p. 82).

É justamente nesse momento de conflitos internos e de insatisfação de muitos trabalhadores que se estabelece o naturalismo nos Estados Unidos, como estratégia de revide à força revolucionária industrial opressora e ao desmesurado capitalismo, quando os próprios escritores naturalistas, não só estadunidenses, mas de todo o mundo, expressavam, através de suas escritas, seus experimentos e hesitações com a vida moderna, tendo em vista os movimentos literários acompanharem os fatores históricos e políticos.

Por ser o naturalismo um estilo de época, no qual tudo é explicado pelas forças da natureza, despertando uma visão mecanicista do homem, muitos escritores, mesmo estando dentro dos cânones característicos naturalistas, elaboraram críticas a essa escola, por ela denunciar os desmandos da alta classe e expurgar os maus costumes e defeitos das classes dominadas, como o próprio Crane assim o fez:

Eu renuncio à escola inteligente em literatura. A mim parece que deve haver algo mais na vida que se sentar e martelar o cérebro para expedientes inteligentes e espirituosos. Então eu desenvolvi sozinho, uma pequena crença sobre a arte que eu considerei boa. Depois eu descobri que minha crença era idêntica às de Howells e Garland e dessa forma me envolvi com a bela guerra entre aqueles que dizem que a arte substitui o homem pela natureza e nós temos maior sucesso na arte quando nos aproximamos mais intimamente da natureza e da verdade (CRANE, 1893 *apud* WEST, 2014, p. 215).

Essa postura resignada de alguns autores naturalistas em não se posicionar contra os problemas sociais, representando os marginalizados do capitalismo, vincula-se intimamente ao medo do comprometimento com essa problemática “alheia” e com possíveis represálias das classes dominantes, pois o naturalismo, tanto na Europa como na América, está relacionado a um vasto movimento de consciência que tem lugar acentuadamente nos setores das classes média e baixa, ansiosas por um diagnóstico concreto e por uma reflexão fiel dos seus trabalhos e inquietações. Assim, a implementação do naturalismo na América não foi objeto de grandes polêmicas, mas de um passo da narrativa realista rumo a um horizonte mais crítico e comprometido com as camadas menos favorecidas da sociedade.

Nessa mirada, o papel do escritor naturalista nessa modernidade é o de repórter e sociólogo, um investigador do novo espaço urbano, capturando e descrevendo a diversidade de ambientes e de profusas experiências mundanas. Assim sendo, o naturalismo estadunidense não está vinculado apenas aos princípios literários da França de Zola, mas também às discussões teóricas e suas aplicações práticas (DICKINSON, 1948).

É nessa concepção naturalista que se inscreve o escritor Stephen Crane (1870-1900), autor de outro famoso romance - *The Red Badge of Courage* (1895), no qual retrata os sentimentos fugazes e vagos de um

soldado perdido no campo de batalha durante a guerra civil americana, e também representante da primeira obra que marca o início do naturalismo norte-americano *Maggie: a girl of the streets*.

Nossa opção por atribuir à obra deste escritor a característica de ficção urbana deve-se, em grande parte, ao fato de ele relatar, de maneira clara e verossímil, a dura vida nos guetos, ruelas e becos novaiorquinos de início do século XX. As mazelas, a luz fraca, o clima sombrio e o ambiente fétido desses ambientes profundamente empobrecidos, presentes na vida de *Maggie*, a garota das ruas, são elementos característicos dessa literatura, de cuja narrativa o autor não se furta do tom denunciante, contribuindo, geralmente, para expor as desigualdades sociais que ele mesmo experienciou com suas andanças naqueles ambientes esquecidos das benesses capitalistas anunciadas pela modernidade.

4. Da virtude ao vício e vice-versa

Subjetivamente partilhada com o ambiente citadino, a conjuntura cultural na obra estudada, remete-nos a questões de produção de sentido, abordadas nos estudos de Foucault e Volóchinov. Foucault (2005) afirma que toda produção de sentido é uma maneira de legitimação de poder. A linguagem por sua vez tem o caráter ideológico, e esse caráter semiótico não se encontra no sujeito ou em seu enunciado, mas nas formulações discursivas produzidas em contextos comunicacionais específicos (VOLÓCHINOV, [1929] 2017). Dessa forma, as premissas de Volóchinov dentro de uma ótica interdisciplinar, proporcionam o entendimento de assuntos concernentes a aspectos ideológicos do signo: “Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”. (VOLÓCHINOV, [1929] 2017, p. 32).

Nesse pressuposto, é relevante enfatizar as relações entre discurso e poder na narrativa de Crane para compreendermos melhor as duas cidades construídas por ele. Aqui, a associação feita por Foucault entre discurso e poder pode muito bem integrar-se a uma concepção antagônica entre a cidade real, produzida a partir de um discurso contraditório à lógica capitalista de estrutura social, e a cidade idealizada por *Maggie*, vista pela burguesia como um ambiente organizado e primoroso, o advento mais notável gerado pela modernidade: a cidade ideal, o símbolo do êxito progressista citadino.

Destarte, por meio das relações discursivas engendradas na obra em estudo, inferimos a presença de ideologias impostas pela classe burguesa, defensoras da cidade como um lugar de diversão, possibilidades e realizações. Dessa forma, “sendo a palavra o signo ideológico por excelência”, como afirma Volóchinov ([1929] 2017), poderia ela ser usada tanto como forma de defesa da cidade elitista, onde tudo é motivo de celebração, dentro de uma urbe ideal, quanto instrumento de denúncia por meio da urbe concreta sob a ótica naturalista, punidora dos mais frágeis como *Maggie*, presa nas teias de seu *habitat* real. Ilustramos essas duas facetas discursivas cidadinas nos seguintes excertos:

O som da música que, pelos esforços do líder desleixado, chegou aos seus ouvidos pela atmosfera enfumaçada, fez a menina sonhar. Ela pensou em seu antigo ambiente de Rum Alley e se virou para observar os fortes punhos protetores de Pete. Ela pensou na fabricação de colares e punhos e no eterno gemidos do proprietário: “Por que diabos você joga cinquenta dólares por semana? Pegue? Não, porra! Ela contemplou os olhos dominadores de Pete e notou riqueza e prosperidade indicadas por suas roupas. Ela imaginou um futuro, cor-de-rosa, devido à distância de tudo o que ela havia antes experimentado.⁴

Atravessando avenidas reluzentes, ela entrou na multidão que emergia dos lugares do esquecimento. [...] As portas inquietas dos salões, chocando-se para lá e para cá, descortinavam filas animadas de homens diante de bares e atendentes apressados. Uma sala de concertos dava à rua sons fracos de música rápida e mecânica, como se um grupo de músicos fantasmas estivesse se apressando.⁵

Virando-se, Maggie contemplou as paredes escuras e manchadas de poeira e os móveis escassos e toscos de sua casa. Um relógio, em uma caixa oblonga estilizada e surrada de madeira envernizada, considerou-o de repente uma verdadeira abominação.⁶

Nesse sentido, através da obra de Crane podemos transitar por essas duas sensibilidades urbanas. A Nova Iorque do glamour e do entretenimento, lugar onde Maggie ideava estar: encantada com os teatros frequentados algumas vezes por ela; lojas com diversificados artigos e inovações, sempre transparecendo um ar de novidade; casas de shows abarrotadas de gente de todos os lugares e classes. Nesse caso, como aponta Rama sobre as duas cidades: a real e a simbólica, Maggie começava sua fuga inconsciente para a urbe maravilhosa a qual ela idealizou pertencer, fugindo da sua cidade real, o gueto, onde a violência e a desgraça imperavam, como foi mostrado acima e explorado com mais detalhes sobre a cidade simbólica construída por Crane nas seguintes passagens:

Em um salão hilário havia vinte e oito mesas e vinte e oito mulheres e uma multidão de homens fumantes. Um barulho valente foi feito em um palco no final do salão por uma orquestra composta de homens que pareciam ter acabado de entrar. Garçons sujos corriam de um lado para o outro, mergulhando como falcões sobre os incautos na multidão; tinindo pelos corredores com bandejas cobertas de copos; tropeçando nas saias das mulheres e cobrando dois preços por tudo menos cerveja.⁷

Dois ou três teatros esvaziavam a multidão nas calçadas varridas pela tempestade. [...] As calçadas se tornaram mares de guarda-chuvas. Homens avançavam para chamar táxis ou carros, levantando os dedos em várias formas de pedido educado ou exigência imperativa.

⁴ The sound of the music which, by the efforts of the frowsy-headed leader, drifted to her ears through the smoke-filled atmosphere, made the girl dream. She thought of her former Rum Alley environment and turned to regard Pete's strong protecting fists. She thought of the collar and cuff manufactory and the eternal moan of the proprietor: 'What een hell do you sink I pie fife dolla a week for? Play? No, py damn'. She contemplated Pete's man-subduing eyes and noted that wealth and prosperity was indicated by his clothes. She imagined a future, rose-tinted, because of its distance from all that she previously had experienced (CRANE, 1896, p. 43).

⁵ Crossing glittering avenues, she went into the throng emerging from the places of forgetfulness [...] The restless doors of saloons, clashing to and fro, disclosed animated rows of men before bars and hurrying barkeepers. A concert hall gave to the street faint sounds of swift, machine-like music, as if a group of phantom musicians were hastening (CRANE, 1896, p. 60).

⁶ Turning, Maggie contemplated the dark, dust-stained walls, and the scant and crude furniture of her home. A clock, in a splintered and battered oblong box of varnished wood, she suddenly regarded as an abomination (CRANE, 1896, p. 21).

⁷ In a hilarious hall there were twenty-eight tables and twenty-eight women and a crowd of smoking men. Valiant noise was made on a stage at the end of the hall by an orchestra composed of men who looked as if they had just happened in. Soiled waiters ran to and from, swooping down like hawks on the unwary in the throng; clattering along the aisles with trays covered with glasses; stumbling over women's skirts and charging two prices for everything but beer (CRANE, 1896, p. 48).

Uma procissão interminável seguia em direção a estações elevadas. Uma atmosfera de prazer e prosperidade parecia pairar sobre a multidão, nascida, talvez, de boas roupas e de ter acabado de sair de um lugar de esquecimento.⁸

Entretanto, esse lugar pomposo e requintado não era o ambiente que Maggie podia frequentar, aquilo tudo estava longe de sua realidade social. Sua cidade real, era o gueto americano, o ambiente sombrio do qual ela não deveria ousar sair. Era esse o lugar que, ao invés de dar dignidade às pessoas, como supostamente fora projetado em substituição às antigas favelas americanas, acabava por transformá-las em seres grotescos cujos instintos mais primitivos se sobrepunham a atitudes dignas e virtuosas, características recorrentes na estética naturalista, enfatizado por Crane na urbe concreta:

‘Bom Deus’, ela uivou. Seus olhos brilharam em seu filho com ódio repentino. O vermelho fervoroso de seu rosto ficou quase roxo [...] ‘Oh, Deus, criança, o que é isso a esta hora? O seu pai está batendo na sua mão ou a sua mão está batendo no seu pai?’ [...] Certa vez, quando uma senhora deixou cair sua bolsa na calçada, a mulher nodosa pegou e a escondeu com bastante destreza.⁹

O marido pareceu ficar excitado. ‘Vá para o inferno’, ele trovejou ferozmente em resposta. Houve um estrondo contra a porta e algo se quebrou em fragmentos ruidosos. [...] Ele ouviu uivos e xingamentos, gemidos e gritos, confusos em coro como se uma batalha estivesse sendo travada. Com isso veio o estrondo de móveis estilhaçados. Os olhos do moleque brilharam com medo de que um deles o descobrisse.¹⁰

Dentro deste pressuposto, percebemos a presença de um discurso antagônico, colocando a modernidade como fenômeno gerador de contradições. As modificações trazidas por esse processo transcendem o simples aparecimento de novas estruturas arquitetônicas ou espaços urbanos diferenciados: elas também se fazem sentir na identidade do homem se relacionando com esse espaço, fazendo parte dele, ainda que de forma marginal. Corroborando com o entendimento desse ambiente caótico e impiedoso construído por Crane estão os pressupostos de Berman (1986) e Guinsburg & Faria (2017) sobre o ambiente degenerador que o passivo da modernidade trouxe para as populações marginalizadas pelo capitalismo, subjugando os indivíduos menos aptos da cidade real, como é possível entender nos seguintes excertos:

Eles se arrastaram por escadas escuras e por corredores frios e sombrios. [...] Finalmente, a procissão mergulhou em uma das portas horríveis [...] Ele deu uma baforada imperturbável

⁸ Two or three theatres emptied a crowd upon the storm-swept pavements [...] The pavements became tossing seas of umbrellas. Men stepped forth to hail cabs or cars, raising their fingers in varied forms of polite request or imperative demand. An endless procession wended toward elevated stations. An atmosphere of pleasure and prosperity seemed to hang over the throng, born, perhaps, of good clothes and of having just emerged from a place of forgetfulness (CRANE, 1896, p. 60).

⁹ ‘Good Gawd’, she howled. Her eyes glittered on her child with sudden hatred. The fervent red of her face turned almost to purple [...] ‘Eh, Gawd, child, what is it dis time? Is yer fader beatin’ yer mudder, or yer mudder beatin’ yer fader?’ [...] Once, when a lady had dropped her purse on the sidewalk, the gnarled woman had grabbed it and smuggled it with great dexterity (CRANE, 1896, p. 9).

¹⁰ The husband seemed to become aroused. ‘Go teh hell’, he thundered fiercely in reply. There was a crash against the door and something broke into clattering fragments. [...] He heard howls and curses, groans and shrieks, confusingly in chorus as if a battle were raging. With all was the crash of splintering furniture. The eyes of the urchin glared in fear that one of them would discover him (CRANE, 1896, p.11).

em seu cachimbo por um tempo, mas finalmente se levantou e começou a olhar pela janela para o escurecido caos dos quintais.¹¹

O ar da fábrica de colarinhos e punhos a estrangulava. Ela sabia que estava gradualmente e certamente murchando naquela sala quente e abafada. As janelas sujas chacoalhavam incessantemente com a passagem dos trens elevados. O lugar estava cheio de um turbilhão de ruídos e odores.¹²

Como assinala Foucault (2000), com relação à unificação do poder urbano e a necessidade de construir a cidade como unidade para facilitar sua organização e controle, podemos inferir, a partir do excerto abaixo, que os *tenements* funcionavam como verdadeiros depósitos de pobres, onde imperava a violência e o caos. Esses seres marginalizados eram, na verdade, vítimas de um capitalismo exacerbado, transformando-os, como descreve Crane, em verdadeiras “feras humanas”, capazes de comportamentos extremos e animais.

Nessa percepção foucaultiana de cidade excludente, o Estado compartimentaliza os privilegiados nos melhores lugares da cidade e condena esses “marginais” a viverem em condições deploráveis nos tumultuados cortiços degradados da parte pobre da grande maçã. Essa cidade refratada por Crane enfatiza a luta pela sobrevivência, onde gangues rivais travam verdadeiras guerras. Essa cidade do vício está bem distante de se assemelhar à cidade virtuosa do progresso prometida pelo iluminismo e a Revolução Industrial, como podemos observar nas próximas passagens:

‘Não’, respondeu Jimmie com um rugido valente, ‘esses pebas não podem me fazer correr’. Uivos de ira renovada subiram das gargantas de meninos da Devil's Row. Garotos esfarrapados atacaram furiosamente o monte de cascalho. Em seus rostos pequenos e convulsos brilhavam os sorrisos de verdadeiros assassinos. [...] Suas feições pálidas pareciam demônios minúsculos e insanos.¹³

Por fim, eles entraram em uma região escura onde, de um prédio inclinado, uma dúzia de portas horríveis entregavam um monte de bebês para a rua e a sarjeta. Um vento do início do outono levantou a poeira amarela dos paralelepípedos e a fez rodopiar contra uma centena de janelas. Longas flâmulas de roupas esvoaçavam das escadas de incêndio. Em todos os lugares inúteis havia baldes, vassouras, trapos e garrafas. Na rua as crianças brincavam ou brigavam umas com as outras ou sentavam-se estupidamente no caminho dos veículos [...] Pessoas murchas, em curiosas posturas de submissão a alguma coisa, sentavam-se fumando cachimbos em cantos obscuros. Mil odores de comida cozinhando saíam para a rua. O edifício estremeceu e rangeu com o peso da humanidade pisando em suas entranhas.¹⁴

¹¹ They crawled up dark stairways and along cold, gloomy halls [...] Finally the procession plunged into one of the gruesome doorways [...] He puffed imperturbably at his pipe for a time, but finally arose and began to look out at the window into the darkening chaos of back yards (CRANE, 1896, p.29).

¹² The air in the collar and cuff establishment strangled her. She knew she was gradually and surely shrivelling in the hot, stuffy room. The begrimed windows rattled incessantly from the passing of elevated trains. The place was filled with a whirl of noises and odors (CRANE, 1986, p. 26).

¹³ ‘Naw’, responded Jimmie with a valiant roar, ‘dese micks can't make me run’. Howls of renewed wrath went up from Devil's Row throats. Tattered gamins on the right made a furious assault on the gravel heap. On their small, convulsed faces there shone the grins of true assassins. [...] His wan features wore a look of a tiny, insane demon (CRANE, 1896, p. 1).

¹⁴ Eventually they entered into a dark region where, from a careening building, a dozen gruesome doorways gave up loads of babies to the street and the gutter. A wind of early autumn raised yellow dust from cobbles and swirled it against an hundred windows. Long streamers of garments fluttered from fire-escapes. In all unhandy places there were buckets, brooms, rags and

Em oposição a essa cidade do caos, onde as pessoas humildes se empilhavam e viviam em condições deploráveis, como é o caso da família de Maggie, através do discurso de Crane podemos adentrar na outra cidade construída na obra, a cidade maravilhosa na qual as benesses da vida moderna seduzem e entorpecem as pessoas com a sua beleza e vivacidade.

Contudo, essa cidade da diversão foi idealizada para poucos, e quando as pessoas experienciavam tal “ambiente mágico”, seduziam-se pela ilusão de pertencimento àquele lugar, traídos pela doce sensação bem-estar momentâneo. No caso de Maggie, após viver tal experiência, devaneava deixar sua vida no gueto para então desfrutar de todo o divertimento que essa outra cidade poderia lhe proporcionar. Mas essa divisão social e arquitetônica de cidade enfatizada por Foucault (2000) prova ser obstáculo intransponível para as pessoas da classe baixa, como era o caso da mundana protagonista da trama. Podemos vislumbrar essa cidade dos “sonhos” construída por Crane através dos seguintes excertos:

Uma orquestra de mulheres indumentadas de seda amarela e homens carecas em um palco elevado perto do centro de um grande salão em tons de verde tocavam uma valsa popular. O lugar estava lotado de pessoas agrupadas em mesinhas. Um batalhão de garçons deslizou entre a multidão, carregando bandejas de copos de cerveja e fazendo troco das inesgotáveis abóbadas dos bolsos de suas calças. [...] Na varanda, e aqui e ali embaixo, brilhavam os rostos impassíveis das mulheres. As nacionalidades do Bowery reluziam no palco de todas as direções.¹⁵

Começou a observar, com mais interesse, as mulheres bem vestidas que encontrava nas avenidas. Ela invejava a elegância e as palmas macias. Ela ansiava por aqueles adornos de pessoas que passeavam todos os dias na rua, concebendo-os como aliados de grande importância para as mulheres. [...] À noite, durante a semana, ele a levava para ver peças de teatro.¹⁶

A obra de Crane constitui narrativa escrita na segunda metade do século XIX, período de grande progresso nos Estados Unidos, pois o processo revolucionário industrial estava a todo vapor, atraindo diversas pessoas para os grandes centros, advindas das zonas rurais norte-americanas e também procedentes de outros países, notadamente das nações europeias. À vista disso, através de uma analogia, podemos abstrair dentro da obra de Crane as duas cidades conceituadas por Rama. Uma cidade letrada, podendo ser ao mesmo tempo o lugar de sonhos e de diversão; ambiente burguês onde todos os desejos e fantasias podiam ser

bottles. In the street infants played or fought with other infants or sat stupidly in the way of vehicles [...] Withered persons, in curious postures of submission to something, sat smoking pipes in obscure corners. A thousand odors of cooking food came forth to the street. The building quivered and creaked from the weight of humanity stamping about in its bowels (CRANE, 1896, p. 3-4).

¹⁵ An orchestra of yellow silk women and bald-headed men on an elevated stage near the centre of a great green-hued hall, played a popular waltz. The place was crowded with people grouped about little tables. A battalion of waiters slid among the throng, carrying trays of beer glasses and making change from the inexhaustible vaults of their trousers pockets. [...] In the balcony, and here and there below, shone the impassive faces of women. The nationalities of the Bowery beamed upon the stage from all directions (CRANE, 1896, p. 22).

¹⁶ She began to note, with more interest, the well-dressed women she met on the avenues. She envied elegance and soft palms. She craved those adornments of person which she saw every day on the street, conceiving them to be allies of vast importance to women [...] Evenings during the week he took her to see plays (CRANE, 1896, p. 27-28).

realizados. Mas é também a cidade letrada dos escritores naturalistas que, assim como Crane, usam o poder de sua pena para denunciar as mazelas de uma cidade real, caótica, causadora da degradação do ser, um ambiente propício ao vício e a violência, recebida e fomentada por aqueles que nela vivem, como no caso da personagem principal Maggie, que ousou sair de sua cidade real em busca de diversão e realizações na cidade simbólica e acabou por sucumbir às forças estruturais e ideológicas de uma urbe de sonhos, mas também de pesadelos, ambientes enfatizados por Crane ao construir suas duas nova Iorques, a real e a simbólica.

Considerações finais

A literatura é um importante meio de [re]construção da realidade, uma vez que favorece uma multiplicidade de olhares sobre um mesmo espaço, tornando-o, dessa forma, multifacetado. Dessa forma, mediada pelas elucubrações literárias, a vida vai tomando outros contornos. Por isso, ler a obra *Maggie: uma garota das ruas*, de Stephen Crane, é, também, um exercício de reflexão sobre as inúmeras desigualdades resultantes do processo de modernização das sociedades nos dois últimos séculos.

A existência concomitante de duas cidades em uma, conforme apresentada no livro em tela, chama a atenção para a necessidade de pensar as relações humanas para além das relações de poder. Desde que se começou a falar em modernidade, foram surgindo, paralelamente, discursos e práticas de apropriação, pelas classes privilegiadas, dos bens que deveriam ser direito de todos. A partir de então, foi sendo engendrada a atual configuração de sociedade que temos hoje, com espaços marcados e destinados: a quem pode, as benesses da cidade-virtuosa, com seus espetáculos, vida noturna agitada, luxuosa e ostentadora; aos que foram excluídos dessa divisão, sobram os guetos, a privação e a luta injusta e voraz pela sobrevivência na cidade-viciosa.

Como pesquisadores da Linguística Aplicada, nossa leitura da cidade de Nova Iorque não poderia apenas ater-se ao lado belo e pitoresco da Big Apple. A nós, interessa muito mais o lado obscuro, onde jazem aqueles que, sem voz, sem dinheiro ou prestígio, sucumbem violentamente à furiosa máquina mantenedora do capital, principal motor do processo que conhecemos como *modernidade*.

Nesse sentido, ao lançarmos nosso olhar para a personagem *Maggie* e os lugares por onde anda, podemos vislumbrar o retrato de uma civilização que a cada dia tem valorizado o *status* em detrimento do homem, transformando seres humanos em produtos facilmente descartáveis. Começam, então, a surgir e se consolidar os preconceitos de todos os tipos, a discriminação contra os que têm pouco ou nada, uma vez que estes não se encaixam no esboço de uma vida cidadina próspera e homogênea, como pretendem sustentar os defensores da ideologia liberal.

Podemos, portanto, inferir, das leituras realizadas por ocasião da escrita do presente artigo, que as diferenças e injustiças denunciadas por Crane pela retina tristonha da prostituta *Maggie* não representa apenas uma especificidade da urbe novaiorquina. De fato, trata-se de uma característica perceptível no modo de vida

moderno, engendrado de forma tal a manter os privilégios de quem os detém, subjugando e enclausurando os pobres em seus respectivos redutos – no caso da obra em tela, os guetos sombrios e nauseabundos do *Low East Side* virtuoso e viciante da grande Nova Iorque.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CRANE, S. **Maggie: a girl of the streets**. New York: Batam Dell, 1896.
- DICKINSON, H. Thomas. **História da literatura norte-americana**. Tradução: Rolmes Barbosa. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto. **O naturalismo**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- HABERMAS, Jürgen, **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000, Coleção Tópicos.
- NASCIMENTO, Luciana. **A cidade de papel**. Rio Branco: Edufac, 2011.
- ORLANDI, Eni P. (Org.). **Cidade dos sentidos**. Campinas (SP): Ed. Pontes, 2004.
- PIZER, Donald. **Realism and Naturalism in Nineteenth-Century – American Literature**. Southern Illinois University Press, IL. 1984.
- RAMA, Angel. **Cidade das letras**. Tradução: Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RODRIGUES, Antônio Edmilson M.; FALCON, Francisco José Calazans. **Tempos Modernos**. Ensaios de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2017.
- WEST, RAY BENEDICT JUNIOR. Stephen Crane: author in transition. In: **American Literature**, v. 34, n. 2, 1962. Duke University Press. Disponível em https://www.jstor.org/stable/2923111?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 12/09/2018.